



CULTURA URBANA E CULTURA RURAL: Diferentes olhares

José Antenor Viana Coelho*

RESUMO

Torna-se imperativo discutirmos as diferentes realidades de forma complementar para, através destas observações, eliminarmos os preconceitos e trabalharmos na perspectiva de uma co-relação harmoniosa baseada na produtividade e complementaridade entre cidade e campo. Compreender as diferenças culturais é fundamental para atingirmos este objetivo, e aqui pretendemos lançar elementos para uma discussão destas diferentes realidades na busca de seu desenvolvimento integral, visando a melhoria da qualidade de vida do Homem onde quer que ele esteja, no campo ou na cidade.

Palavras-chave: Cidade. Campo. Desigualdade social. Conflitos sociais.

ABSTRACT

It is important to discuss the different realities in a complementary form to, through these comments, eliminate the prejudice and work under the purpose of a harmonious co-relation based in the productivity and complementarity of the city and the country side. To understand the cultural differences is meaningful to reach this objective. We intend to launch elements for a discussion of these different realities in the search of its integral development, aiming at the improvement of the quality of Man's life, in the country or in the city.

Keywords: City. Country. Social inequality. Social conflicts.

1 INTRODUÇÃO

Um cidadão parte para o campo à procura de um tal senhor José. Chega em uma propriedade agrícola e pergunta a um outro senhor, sentado em frente a sua casa: – O senhor conhece por aqui um senhor chamado José Ferreira? O senhor aponta para a estrada e diz: – Sei sim, é meu vizinho e mora aqui pertinho. O cidadão sai à procura do vizinho e logo descobre que o José Ferreira mora há três quilômetros dali. Ele decide, então, ir de carro.

Através desta pequena estória observamos diferentes noções de vizinhança, distância, mobilidade, densidade, tempo e espaço entre o meio urbano e o meio rural. Para Lefebvre (1991, p. 68), a “[...] vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza” (LEFEBVRE, 1991). No entanto, acredito ser pertinente acrescentar entre o conceito de urbano e o conceito de rural uma terceira idéia: uma região de transição entre cidade e campo, que é o bairro de periferia nas cidades, notadamente no Ceará, onde encontramos uma forte migração em direção à cidade. Nesses bairros desfavorecidos da periferia de várias cidades nordestinas, as pessoas vivem esta realidade de transição entre

* Mestre em Ciências Tecnológicas. Docente da Universidade Estadual vale do Acaraú (UVA)

cidade e campo. Observamos que os habitantes vivem ainda sobre um modelo camponês em transformação constante à procura de adaptação a um modelo de vida na cidade.

Torna-se, então, muito rico fazer uma análise comparativa entre as diferentes noções destas pessoas vivendo no campo, nos bairros pobres da periferia e nas cidades. É claro que as periferias pobres fazem parte da cidade, mas aqui consideraremos uma região de transição entre cidade e campo.

2 NOÇÕES DE VIZINHANÇA

A relação de vizinhança na cidade e no campo tem sentidos bastante diferentes. Obviamente nos dois casos está ligada a uma relação de proximidade e de amizade. Na cidade, essa proximidade é considerada entre as habitações, as casas, uma proximidade física. Meu vizinho é aquele que mora ao meu lado, mas com quem eu não tenho obrigatoriamente contato. Aliás, às vezes, prefere-se não ter contato. Apenas um contato superficial, formal, onde cada um tem a liberdade de fazer o que deseja sem ser perturbado pelo outro.

Enquanto na cidade a proximidade entre habitações define os vizinhos, no campo, a proximidade física entre as propriedades de terra é quem define essa noção de vizinhança e não as habitações. A proximidade é aqui ligada à relação pessoal entre os indivíduos. Não há quadras, não há ruas, as referências são freqüentemente da natureza. Meu vizinho é aquele com quem eu tenho relação de amizade, sabendo que essa amizade é baseada também numa troca de ajuda mútua, podendo dizer inclusive de preservação da vida.

Num bairro pobre de uma cidade em desenvolvimento, encontramos as mesmas relações que no campo, mas isso tende a desaparecer com a ascensão econômica dos indivíduos, que explica certas expressões como: “depois que ele enriqueceu não o vemos mais”. Meu vizinho é ao mesmo tempo aquele que mora ao meu lado, mas também aquele que mora no meu bairro: compreende-se rapidamente que, se habitamos o mesmo bairro, fazemos parte de um mesmo grupo.

3 NOÇÕES DE RIQUEZA

Costumamos dimensionar a riqueza de alguém através daquilo que ele possui. A posse de bens materiais tem um papel definitivo na noção de riqueza na cidade, estando diretamente ligada ao dinheiro. Apresentamo-nos ao grupo através de certos elementos

simbólicos da riqueza: um carro muito caro, uma casa em um bairro nobre, uma roupa de grife, dentre outros.

O homem do campo é rico quando possui força para trabalhar, uma família, o que comer e, sobretudo, saúde. A noção de riqueza é mais ligada às condições de vida do que propriamente ao dinheiro. O trabalho, por exemplo, é visto como uma necessidade, e o dinheiro como consequência e não um objetivo.

Num bairro pobre da periferia, as noções de riqueza do camponês ainda estão presentes, mas enfraquecem diante dos valores contidos na cidade. Substituímos o termo rico por feliz, ou seja, se temos na cidade tudo que tínhamos no campo, mas não temos dinheiro, seremos felizes, mas não ricos. Ser rico é também ter dinheiro, ter poder de compra, e isso deve ser mostrado ao grupo; de outra forma não faz sentido ter dinheiro. Porém, para a família ganhar dinheiro, ter um trabalho, sobretudo no caso de uma família camponesa, que parte em direção à cidade, constatamos que a mulher tem mais oportunidades que o homem. Frequentemente, o homem fica em casa durante todo o dia com as crianças e a mulher trabalha nas casas da classe média, que pode pagar alguém para cuidar da casa. Assim, uma grande quantidade de mulheres sustenta seus lares com trabalho informal nas casas de família de classe média (COELHO, 1996).

Aqui é fundamental observarmos que os papéis se encontram, então, invertidos com relação aos papéis estabelecidos no campo. Estas mudanças não são facilmente aceitas pelos homens que, sem trabalho e sem ocupação, permanecem na sua casa e pouco a pouco o camponês que era produtivo no campo adquire a reputação de preguiçoso na cidade a tal ponto de não o quererem mais para trabalhar por causa desse preconceito. Este homem, antes camponês, encontra-se encurralado nesta situação, encontrando-se, então, numa situação propícia a desvios no comportamento com possibilidade de reações violentas, uso de drogas, notadamente do álcool, entre outros comportamentos geradores de preconceitos e condenáveis pela sociedade urbana.

4 NOÇÃO DE DISTÂNCIA E MOBILIDADE

Tudo que é alheio ao meu meio é distante, leia-se: longe. É uma distância muito mais ligada à capacidade de compreensão e acesso com controle da situação. Eis um indício do por quê o camponês não ser tão à vontade na cidade, dada sua dificuldade de compreender os signos diferentes daqueles do seu meio e as mensagens neles contidas. Devemos ainda considerar sua pouca escolaridade aliada a todos os preconceitos já, ou ainda, existentes para com o “matuto do sertão”.

Nesta concepção, a cidade é de alguma forma um outro mundo e,

conseqüentemente, distante, quase uma “terra prometida” onde tudo é possível até o momento que se entra nela, e que, apesar de todas as dificuldades normalmente não se quer mais retornar, uma vez que retornar ao campo seria admitir um fracasso; ou, pior ainda, não poder voltar porque seu antigo lugar já fora ocupado por outra família trabalhando nas terras outrora suas ou de um proprietário qualquer.

Resta a este homem com sua família permanecer na cidade e aprender este novo modo de vida. Uma adaptação às novas maneiras de mobilidade torna-se urgente. No campo, nos deslocamos a pé ou graças aos animais, atualmente presenciamos a chegada da motocicleta, mas mesmo assim sua utilização ainda é moderada.

A distância na cidade também não é uma questão de quilômetros. É bem verdade que, se não pudermos percorrer a pé uma certa distância em um tempo razoável, consideraremos longe, mas a possibilidade de acesso em veículos parece diminuir a distância, reduzindo o tempo de percurso, o que muda igualmente a maneira de ver o espaço. As pessoas que são obrigadas a pegar um transporte para ir trabalhar, por exemplo, dizem morar longe do seu trabalho. As noções de distância e mobilidade têm uma relação com o tempo, com o espaço e findam desembocando no dinheiro. Quanto mais recursos tivermos para viver (classes abastadas), mais mobilidade teremos. Com relação aos transportes públicos, por exemplo, são os bairros mais abastados que recebem os transportes melhores, enquanto nos bairros da periferia pobre os transportes públicos são menos eficazes, menos confortáveis, tornando mais difícil a mobilidade.

Uma segregação entre bairros se acentua como um aumento das distâncias a percorrer pela população mais pobre, dada a localização dos bairros periféricos pobres. Observamos que a noção de distância, semelhante a da cidade, tem também uma relação com a mobilidade. Nessa lógica, os bairros periféricos são freqüentemente distantes com relação ao centro da cidade, que é comumente a referência para o desenvolvimento de atividades comerciais e de trabalho daquela população.

5 NOÇÃO DE TEMPO

Apesar de todas as influências da cidade sobre o modo de vida no campo, aceitamos o tempo com aquilo que ele nos traz. A idade não é motivo de vergonha; a experiência de vida tem grande valor; o envelhecimento do corpo é visto de bom grado; a morte e certas doenças fazem parte do tempo que passa e são aceitas, posto que não podem ser mudadas. É a natureza quem guia o tempo no campo. Trabalhamos a agricultura e a criação de animais. Nesta região, “acordamos com o Sol” e “dormimos com as galinhas”. Despertar quer dizer começar a trabalhar, recolher-se para dormir significa preparar-se para

o amanhã. O trabalho é diário. O dia mais importante é o domingo, numa lógica católico-cristã; no entanto, ainda neste dia cuida-se dos animais.

As horas (leia-se: o tempo), percebidas também pela trajetória do Sol e fases da Lua, estipulam um ritmo na jornada de trabalho, nas horas de se alimentar, na vida íntima da família, no sono... O passar do tempo é compreendido entre as duas estações existentes, a estação de chuva e a estação seca, o inverno e o verão.

Somos submissos à Natureza, ao clima, aos fenômenos naturais que não podemos nem controlar nem modificar, mas apenas aceitar. A única maneira de compreendê-lo e controlá-lo é através da busca da proximidade com o sagrado.

Na cidade, vive-se submisso a um tempo arbitrário, artificial, que ignora a maior parte das referências naturais, uma vez que ele pouco depende delas, incluindo de certa forma o clima. Não percebemos o tempo como no campo. Queremos controlá-lo, mascará-lo, capturá-lo para aproveitar o máximo sem perdê-lo: “tempo é dinheiro”. Os horários são fixados e a vida é organizada em função destes horários. A sensação de perda de tempo é algo amedrontador. As crianças iniciam cada vez mais cedo a vida escolar, torna-se necessário terminar os estudos em um tempo recorde, aproveitando-o ao máximo. Vai-se a escola pela manhã, ao curso de línguas pela tarde, à ginástica à noite. Trabalha-se todo o dia em função de uma formação que deverá assegurar o futuro, a permanência na mesma classe social e, se possível, a ascensão a outras classes. Corre-se contra o tempo...

As noções de tempo na cidade são assimiladas pelo camponês que chega nos bairros periféricos. Na verdade, ele sucumbe a uma necessidade de aceitá-las, posto tornar-se imperativa uma adaptação para conseguir o sucesso de sua vida na cidade. O tempo não é mais relacionado à Natureza, ainda que esta permaneça ligada à sua cultura de origem. O tempo é igualmente ligado ao dinheiro, tomando características do modelo na cidade.

6 NOÇÃO DE TRABALHO/DINHEIRO

No campo, trabalhar é viver; não se pode viver sem trabalhar. O trabalho ainda é visto como a única forma de tornar digno o Homem. Trabalha-se para que a propriedade rural não pare, ou seja, ocupa-se das criações, das culturas agrícolas, dos filhos, da casa, da casa do patrão, entre outros afazeres. Neste sentido, fazemos parte da fazenda sendo útil ao todo. Essa sensação de fazer parte do todo é forte para o sertanejo. O trabalho não é somente uma forma de fazer dinheiro; em todo caso, não se tem muita escolha. É necessário trabalhar para viver, aliás, desenvolve-se quase sempre a mesma atividade ao longo da vida. A relação com a limitação das oportunidades fica aqui também clara.

Tempo é dinheiro, e, na cidade, a única forma de ganhar dinheiro honestamente

é com o trabalho. A cidade oferece o atrativo das oportunidades infinitas, a possibilidade de adquirir dinheiro que tem certamente uma noção de valor diferente daquela do campo. Quase tudo depende de dinheiro que se torna indispensável para um cidadão do qual não se pode dissociar. Ter dinheiro é também ter poder. O poder de compra pode ir além do material e, por esta razão, poupar é também indispensável.

No bairro periférico, trabalha-se para obter dinheiro, como na cidade, mas conta-se também com a solidariedade que ainda resiste nos bairros periféricos. Para o camponês é a cidade o lugar onde se ganha dinheiro, mas também onde há forte concorrência. As oportunidades são mais presentes que no campo, mas os candidatos são muito mais numerosos, sobretudo no que diz respeito à realidade do camponês que procura ganhar dinheiro para sobreviver através do trabalho, mas que muitas vezes não consegue por uma série de fatores ligados às diferenças culturais, incluindo aqui a formação escolar.

7 NOÇÃO DE SOLIDARIEDADE

No campo, a solidariedade faz parte da vida do homem. Talvez por não ter escolha, tem que ser solidário para sobreviver. É uma solidariedade freqüentemente baseada no interesse que é visto como normal nestes lugares. Troca de serviços e troca de favores são maneiras de assegurar o bom desenvolvimento da região e sua segurança. Enfim, existe uma ajuda mútua que faz parte da cultura dessas pessoas (ver noções de vizinhança).

No bairro periférico – lugar de transição entre cidade e campo – os hábitos de solidariedade são presentes, mas a necessidade de solidariedade torna-se ainda mais forte. Num bairro pobre, chega-se a um nível de solidariedade maior que no campo, uma vez que não se espera um retorno. Com efeito, esta já é uma maneira de agradecer ao grupo pelo que foi feito por outros. Eu ajudo porque me ajudaram, eu lembro o que foi feito por mim e hoje faço pelos outros. Isso se dá freqüentemente dessa maneira. Ajuda-se o vizinho, a família, responde-se ao apelo dos grupos religiosos, etc. Mas, nesses bairros, há igualmente um controle, quer dizer, eu ajudo aquele que ajuda. A solidariedade cessa a partir do momento que ela se torna abusiva.

Na cidade, a solidariedade toma uma outra forma. Uma vez que é o Estado quem deve assegurar o bem-estar dos indivíduos, as pessoas são dificilmente solidárias entre si. A solidariedade é vista através das Igrejas, dos clubes de serviços e outras instituições que se encarregam formalmente e benevolmente da ajuda a pessoas em dificuldades. Este sistema permite realizar seu suposto dever diante do grupo, conservando sua vida privada e a integridade de sua riqueza. A vida continua como antes, sem que eu

tenha necessidade de um contato direto com outras pessoas.

8 NOÇÃO DE DENSIDADE E LIMITES

É clara a diferença de densidade entre cidade e campo. Podemos observar os efeitos da baixa densidade no campo com relação a uma forte densidade na cidade e ainda uma maior nos bairros periféricos.

Contrariamente ao que podemos pensar, as noções de limites e territórios são muito bem definidas no campo. Apesar da falta de barreiras fechadas, de vigilância entre propriedades, ou polícia nos caminhos, é raro invadir-se terras de outros, gratuitamente ou sem permissão.

A noção de limite com relação à moradia é tão marcada que devemos considerar a área em frente à casa e ao terreiro como um elemento da própria habitação. Mais respeitado que um passeio na cidade. Mas quando se trata de uma necessidade comum, como água, permite-se a todos da vizinhança o acesso à propriedade para buscá-la, sabendo que as pessoas respeitarão a propriedade. Nesses lugares, quase não há violência nem roubo. Seria isto ligado à noção de equilíbrio da população ou por que não se tem a necessidade de roubar?

A noção de limites na cidade é hoje imposta por muros, barreiras e grades. Os lugares públicos pertencem a todos e ao mesmo tempo a ninguém. É muito difícil conservá-los limpo e em bom estado, o que faz com que muitas das praças e parques sejam cercadas de grades para dificultar sua depredação. Em nome da segurança, os habitantes se fecham nos condomínios, grandes conjuntos de apartamentos, muitas vezes reproduzindo no seu interior pequenas cidades.

Num bairro desfavorecido, as noções de limite do campo são rapidamente esquecidas para dar lugar àquelas da cidade. Isso se explica porque o modelo de riqueza na cidade é exteriorizado também por muros e grades. Conseqüentemente, constroem-se muros como se faz nos belos e ricos bairros. Muros que muitas vezes são cópias daqueles vistos na cidade, sendo que na maior parte do tempo não se necessita realmente dessas barreiras.

9 NOÇÃO DE SEGURANÇA

No campo, entende-se por segurança a ausência de medo. O campo é seguro, o medo está pouco presente, a não ser por razões naturais-sagradas, como a seca, os

pecados, os castigos de Deus. Vive-se de maneira mais descontraída que na cidade. Essa noção de segurança implícita no campo é também dada ao conhecimento “imediato” de todas as regras de boa conduta na qual se está inserido. Tais regras não são escritas, obviamente, mas ninguém duvida que o sucesso venha através do trabalho ou ainda que o adultério seja um grande pecado e que matar alguém leva ao inferno. Muitas destas regras foram estabelecidas há muito tempo pela Igreja Católica. Os padres educadores chegavam nesses lugares com os Dez Mandamentos e a Bíblia e foi com base nessas leis que se passou tal cultura de geração em geração, o que não significa que elas também, de tempos em tempos, não sejam quebradas.

No bairro periférico, a insegurança é constantemente presente: o medo da fome, do desemprego, de estar na rua, da violência... Há muitas demandas por parte desta comunidade e é necessário responder a necessidade deste grupo, mas também a todas as crenças de suas culturas de origem, quer dizer, as leis da Igreja Católica. Vive-se então uma realidade que é, ao mesmo tempo, ligada à segurança graças a solidariedade e fonte de medo e insegurança no futuro, nos projetos familiares, na incerteza da ascensão social, etc. Num bairro desfavorecido, se de um lado existe o medo; de outro, se é a própria causa desse medo. Todos os preconceitos para com alguns bairros periféricos acabam por produzir essa dupla sensação de insegurança igualmente com relação à cidade. Estes lugares tornam-se zonas de tensão, onde nos sentimos seguros de um lado, posto que ali habitamos, mas, por outro lado, a insegurança é também presente de diversas maneiras.

10 CONCLUSÃO

Estejamos onde estivermos, no campo, na cidade, o meio influencia a maneira que vamos (podemos) viver, submetidos a elementos culturais, sociais, econômicos, climáticos e disponibilidade de materiais, entre tantos a considerar. Segundo Rapoport (1972, p. 38), “[...] é a tradição popular que faz a tradução direta da maneira de construir segundo os valores que se transmite a cada geração, com todas as mudanças oriundas do contato com outras informações, outras culturas”. Assim sendo, compreendermos estas relações torna-se imperativo para intervirmos consciente e coerentemente no meio ambiente ocupado pelo homem.

REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

RAPOPORT, Amos. **Pour une anthropologie de la maison**. Paris : Bordas, 1972.

VIANA COELHO, José Antenor. **Logement populaire à Sobral**. 1996. 117 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Aplicadas)–Louvain-la-Neuve, Bélgica, 1996.